

BRASIL-PORTUGAL

1 DE SETEMBRO DE 1904

N.º 135



Vista geral do Luso e do Bussaco

É no Bussaco, sitio historico de grandes batalhas que fizeram a gloria do exercito portuguez e da divisaõ ingleza vinda em nosso auxilio, que este anno se realisam as manobras militares. O «Brasil-Portugal» acompanha o interesse dos seus leitores dando em gravuras grandes os locais mais pittorescos e mais celebres do Bussaco.

Tratado de Commercio

Portugal e o Brasil

A imprensa brasileira tem-se occupado ultimamente d'um projectado tratado de commercio entre Portugal e o Brasil e a Lisboa chegam noticias de varias reuniões de pessoas gradas no lito de Janeiro para discutirem o assumpto. Parece que unanimemente se applaude a idéa. Nem admira que ella seja igualmente sympathica a brasileiros e a portuguezes.

Ha muito que o governo portuguez se empenha em regularisar por meio d'um tratado as relações commerciaes entre os dois povos de lingua portugueza. E, se até hoje ainda se não levou a cabo o empreendimento, não tem sido por falta de vontade dos estadistas e dos diplomatas que de uma e de outra parte teem tratado a questão. E se os interesses políticos desejam esse accordo, os interesses commerciaes reclamam-o.

A difficuldade provém sobretudo do grande desequilibrio que existe na balança commercial dos dois paizes. Pretende-se egualiar os favores reciprocos, e isso é manifestamente impossivel, se se considerar que a exportação de Portugal para o Brasil é, segundo as estatisticas portuguezas, de mais de 5.000 contos de réis fortes, ao passo que a exportação do Brasil para Portugal não chega a 3.000 contos. Outra difficuldade, maior ainda, provém de ser a principal exportação do Brasil composta dos proprios generos que constituem a unica exportação das possessões portuguezas na Africa Occidental.

Portugal não pôde conceder favores ao café, ao cacáo e á borraça do Brasil que vão arruinar as suas proprias colonias. O Brasil deve comprehender isto, e, longe de se agastar, deve concorrer pela sua parte para resolver a difficuldade.

O facto de ser muito maior a exportação de Portugal para o Brasil que a do Brasil para Portugal não deve ser obice insuperavel ao bom exito das negociações. Significa que o commercio de exportação de Portugal para o Brasil attingiu o seu maximo e só pôde augmentar com o desenvolvimento natural do mercado, em população e riqueza. O que é preciso é manter esse maximo. O commercio de exportação do Brasil para Portugal tem um mercado a conquistar.

Se ha um desequilibrio nas permutações entre Portugal e o Brasil, maior é o desequilibrio entre Portugal e os Estados Unidos da America. Isto não impediu que os gabinetes de Lisboa e de Washington se entendessem em 1899 para celebrar um accordo commercial. E o resultado foi o seguinte. A importação em Portugal proveniente dos Estados Unidos, que, á parte os cereaes, fôra em 1898 do valor de cerca de 4.000 contos, foi em 1902 de cerca de 4.000 contos: conservou-se praticamente estacionario, com uma pequena differença para menos. Ao mesmo tempo, a exportação de Portugal que em 1898 fôra de 479 contos attingiu em 1902 o valor de 731 contos: isto é, augmentou em quatro annos (cerca de 55 por cento).

Entre Portugal e os Estados Unidos succedia inversamente o que succede entre Portugal e o Brasil. A exportação dos Estados Unidos para Portugal tinha attingido o seu maximo. O que os Estados Unidos queriam era não perder o mercado que já tinham. Portugal tinha a conquistar um mercado, e se a sua exportação para os Estados Unidos não tomou um desenvolvimento enorme, é no entanto notavel a proporção do accrescimento que teve. Ora o que succedeu então entre Portugal e a Republica Norte Americana deve agora succeder entre os dois paizes de lingua portugueza. Com mais razão ainda dadas as affinidades ethnicas e historicas e a intimidade das relações commerciaes. Em egualdade de circumstancias o Brasil terá mais facilidade que qualquer outro paiz em collocar em Portugal os seus productos. Portugal contentar-se-ha decerto com um tratamento egual ao da nação mais favorecida. E se, para provocar iniciativas para empresas novas, o Brasil carecer d'um tratamento differencial para algum artigo cuja exportação lhe convenha especialmente animar, é de esperar que Portugal lh'o não regateie, dentro de limites justos e razoaveis.

O principal artigo de exportação do Brasil é o café. Ora o café é tambem o principal producto da Africa Occidental Portugueza. Por mais estreitas que sejam as nossas relações com o Brasil e por mais de alma que seja o nosso affecto, é dever elemental da mãe patria não sacrificar os interesses das filhas menores cuja tutela lhe está confiada, aos interesses do filho emancipado, embora sempre querido.

Além d'isso, não convem ao Brasil ater-se exclusivamente ao café por ser a cultura mais rica. Foi o erro que nós praticámos com relação ao vinho. O resultado d'esta imprevidencia é que lá e cá luctamos com uma crise de producção. Por conseguinte, um dos maiores favores que se pôde fazer ao Brasil é promover o desenvolvimento de outra cultura rica, abrindo-lhe um mercado novo. Terá o Brasil assim novos recursos. A natureza prodiga lh'os multiplicará.

A importação total de algodão em rama ou caroço em Portugal foi no anno de 1902 do valor de perto de 4.000 contos fortes. D'estes, 1.800 contos fortes foram importados do Brasil — quasi metade. Ao Brasil seguem, na ordem da sua importancia, os Estados Unidos com 1.200 contos, a Inglaterra com 400 e a Allemanha com 300. Ora a cultura do algodão nas colonias está ainda em projecto.

Parece facil desenvolver este commercio, embora isto se faça á custa dos Estados Unidos, da Allemanha e da Inglaterra.

O valor da importação de pelles e couros, do Brasil, embora não seja tão importante, ainda assim anda por 700 contos de réis fortes e tambem pôde augmentar. Temos que o valor de dois artigos que Portugal importa do Brasil é 7.500 contos. E ambos elles, e sobretudo o algodão, devem elevar consideravelmente a sua exportação para Portugal.

Além d'isso tem o Brasil o assucar que com favores pautaes apropriados deve conquistar por completo o mercado portuguez. Portugal importa assucar no valor de dois mil e tantos contos. E d'estes apenas 360 contos fortes nos veem do Brasil. Esta situação deve acabar. E' preciso que o Brasil seja o nosso principal e porventura unico fornecedor de assucar e que Portugal seja o principal mercado para o assucar brasileiro. N'este intuito esperamos que os dois paizes se dêem as mãos. E' um mercado grande que se offerece ao commercio brasileiro e que o commercio brasileiro deve conquistar.

A proposito do tratado tem-se fallado muito no Brasil n'uma linha directa de navegação para Portugal subsidiada pelo governo Portuguez. Foi do governo Portuguez que partiu em tempos essa idéa. E nenhuma idéa podia ser mais sympathica a Portuguezes e a Brasileiros. Mas para sermos praticos devemos começar por fazer o tratado e, quando virmos os resultados d'elle, crear então a carreira directa nos termos que as circumstancias reclamarem. Se não houvesse communicações directas entre Portugal e o Brasil era essencial e urgente estabelecer as. Mas ha numerosas carreiras inglezas, allemãs e francezas e isso, se não tira o character de necessidade ao estabelecimento d'uma linha portugueza, tiralhe o character de urgencia. E será bom que a empresa que venha a crear se seja organizada depois de madura deliberação, quando se conheçam os elementos que hão de contribuir para a sua prosperidade. O que é preciso é evitar um fiasco. Se se crear uma empresa e falhar, tarde ou nunca se creará outra.

N'esta questão d'um tratado de commercio entre Portugal e o Brasil ha tres pontos a considerar: a questão commercial, a questão politica e a questão sentimental.

A questão commercial ficou ahí esboçada a largos traços. Restam as outras duas.

N'um artigo recente sobre politica externa, o *Diario de Noticias*, de Lisboa, tratava ha pouco das aspirações dos Estados Unidos da America do Norte a exercerem a hegemonia politica começando pela hegemonia commercial, nas duas Americas. Chamava a attenção para o perigo que isto representava para todas as republicas da America do Sul, incluindo portanto o Brasil. E accentuava a sympathia que os norte-americanos teem pela Inglaterra, baseada na communidade de origem, e demonstrada sempre que se lhes offerece ensejo. Esta communidade de origem trouxe affinidades ethnicas e affinidades de educação e de pensamento, elementos essenciaes da politica dos nossos tempos que não depende como de antes do capricho dos governantes mas das tendencias naturaes dos povos. A psychologia collectiva das nações é para o estadista e o diplomata de hoje o que era para os de hontem a psychologia individual dos principes. Era com estes fundamentos que o *Diario de Noticias* preconizava a necessidade da aproximação dos povos da mesma raça sem distincção de continentes.

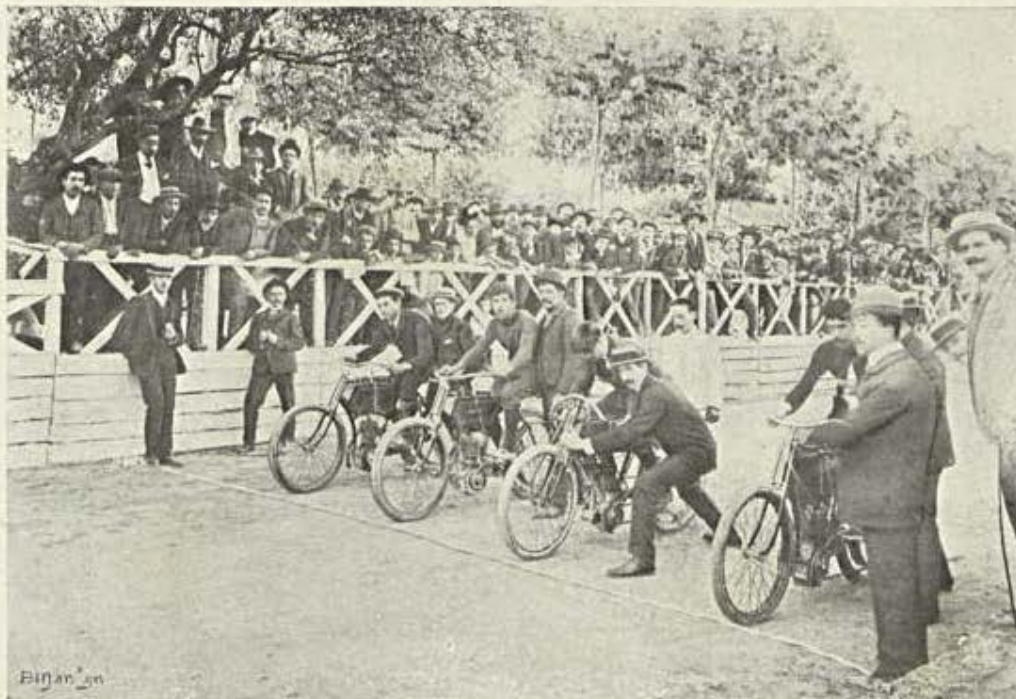
Se considerarmos a questão pelo lado sentimental, basta perguntar aos brasileiros se no Brasil se recebem como irmãos a outros que não sejam os portuguezes — e aos portuguezes se em



Manuel Joaquim da Silva Menezes

Director do Banco de Portugal na Horta (Fayal)

A' sua intelligente actividade se deve o adiantamento em que se encontram os trabalhos do hospital e Asylo de Mendicidade d'aquella ilha pittoresca, e que em breve vão ser inaugurados.



Corrida de moto-cycletas no Jardim Zoologico, em 15-8-904 — A partida

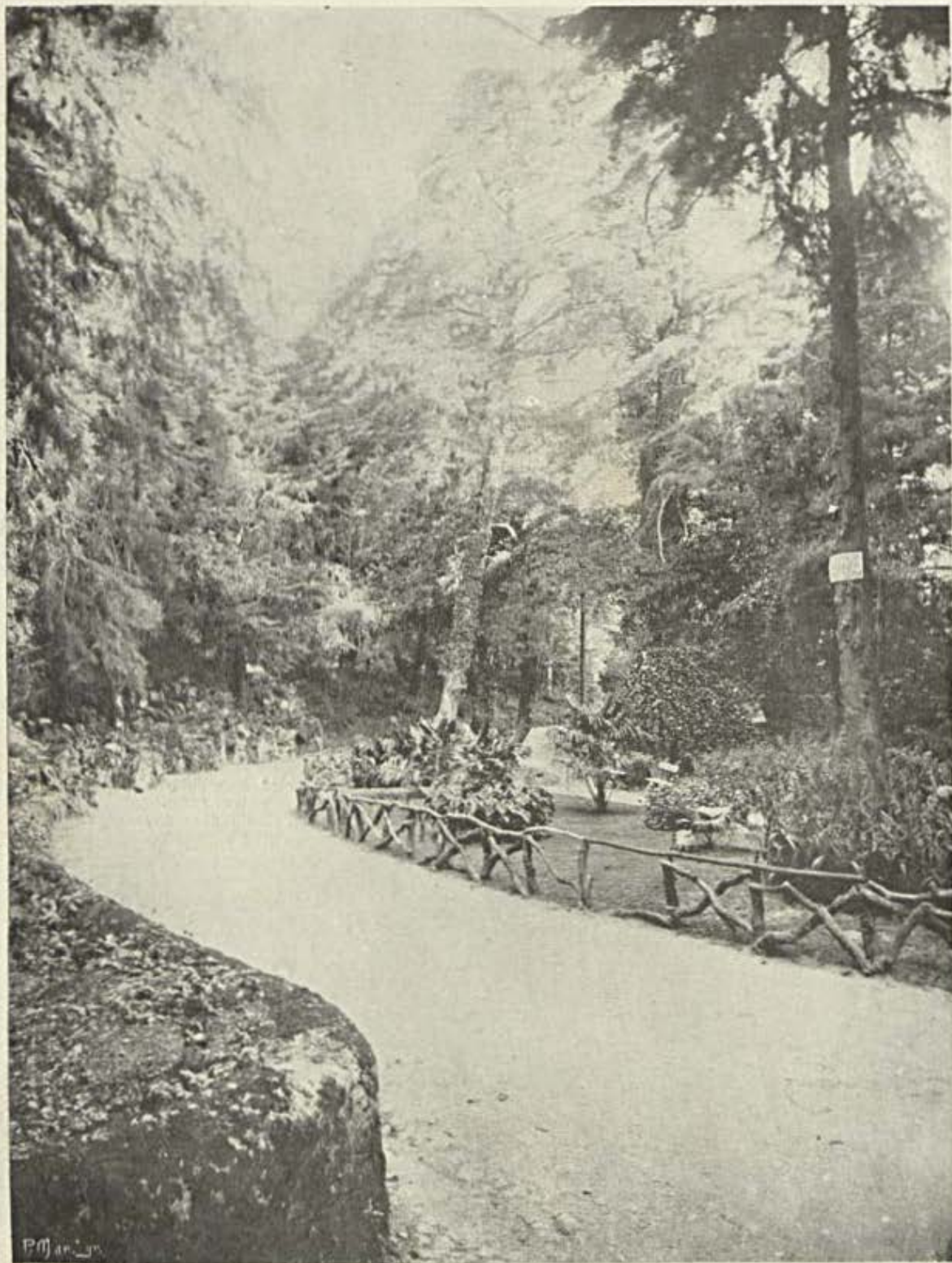
Portugal os brasileiros são olhados como estrangeiros. Quem tem viajado sabe como os estrangeiros se agrupam. Ha em Paris uma colonia inglesa e americana, que constitue um grupo. Ha outro grupo formado pelos hespanhoes, argentinos, peruvianos, emfim os hispano-americanos. E ha finalmente uma colonia luso-brasileira, uma colonia de lingua portugueza em que, por accordo tacito, se esqueceram as divisões politicas para se lembrar só a unidade de lingua de tradições e de aspirações. Podemos brigar algumas vezes, portuguezes e brasileiros. São turras de familia. Mas deante do estranho somos irmãos, temos o mesmo sangue e se não nos ajudarmos uns aos outros ninguém nos ajudará com desinteresse. E somos irmãos orgulhosos uns dos outros. E' gloriosissima a nossa historia commum, mas são gloriosas as nossas historias separadas. Aos nossos heroes da Africa — Serpa Pinto, Cabelle, Mousinho — responde o Brasil com o duque de Caxias, o almirante Barroso e outros heroes da guerra. Responde na paz com Carlos Gomes, com Olavo Bilac, com tantos outros, sem fallar nos notaveis estadistas, que por estarem vivos não nomearemos, que fizeram o resurgimento politico e economico do Brasil.

E para que haja todos os elementos necessarios para a celebração d'un bom tratado não falta agora o elemento pessoal. O rei de Portugal é um amigo sincero do Brasil — todos o sabem — como o Presidente da Republica Brasileira se tem mostrado sempre amigo dedicado de Portugal, berço da sua familia. O sr. conselheiro Wenceslau de Lima, que na sua curta gerencia da pasta dos Estrangeiros em Portugal tem dado tão notaveis provas de alta capacidade politica e delicado tacto diplomatico, interessa-se vivamente pela soluçõ de que a sua vasta e perspicaz intelligencia apercebe o alcance. No Brasil, o sr. Barão de Rio Branco, que a questã do Acre consagrou o primeiro diplomata brasileiro e um dos primeiros da actualidade no mundo, decerto avalia o que significa, nas suas consequencias proximas e remotas, um accordo commercial entre Portugal e o Brasil.

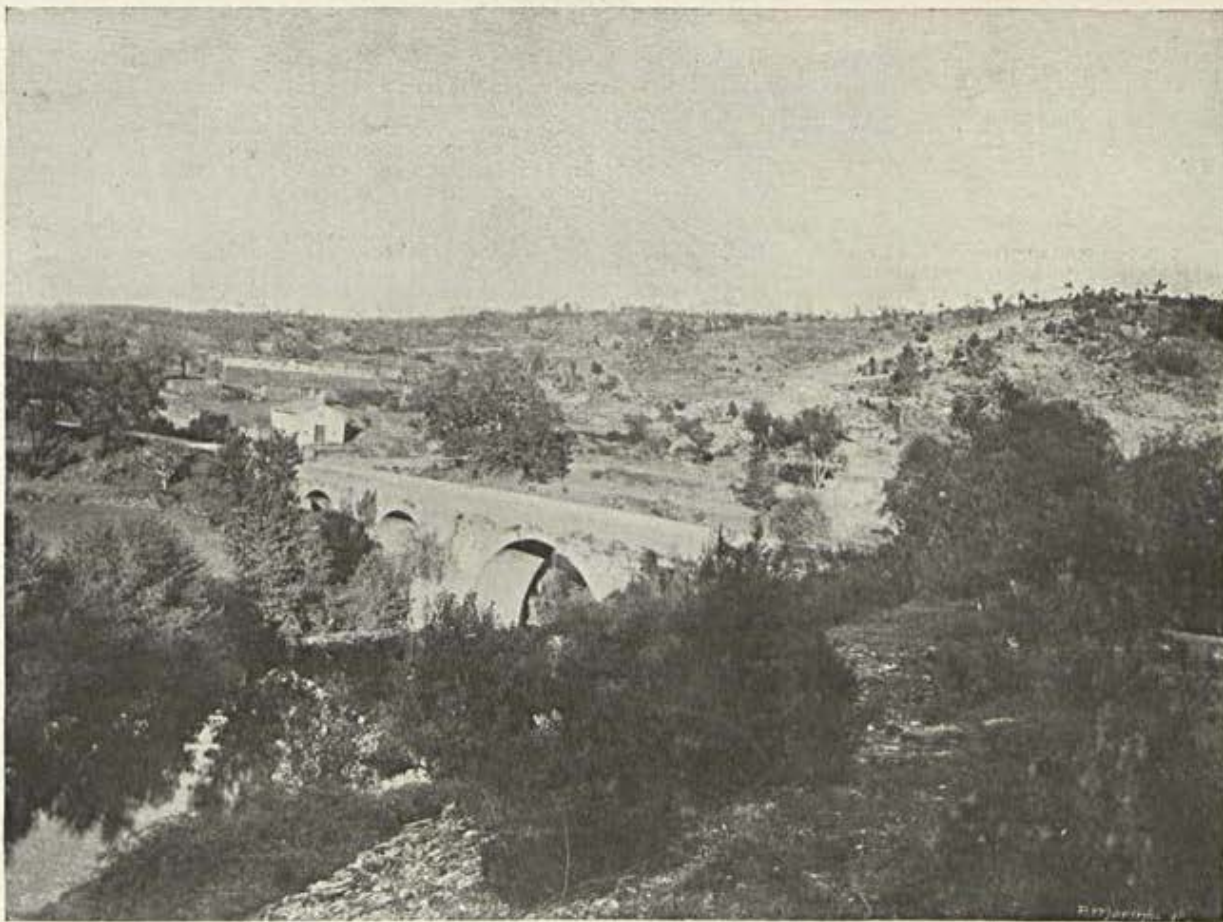
E finalmente os representantes diplomaticos dos dois paizes, o sr. conselheiro Lampreia e o sr. dr. Fialho são dois funcionarios de longa pratica e elevada e culta intelligencia, que possuem a melhor qualidade que podem ter diplomatas de paises amigos a mais franca, honesta, absoluta sinceridade.



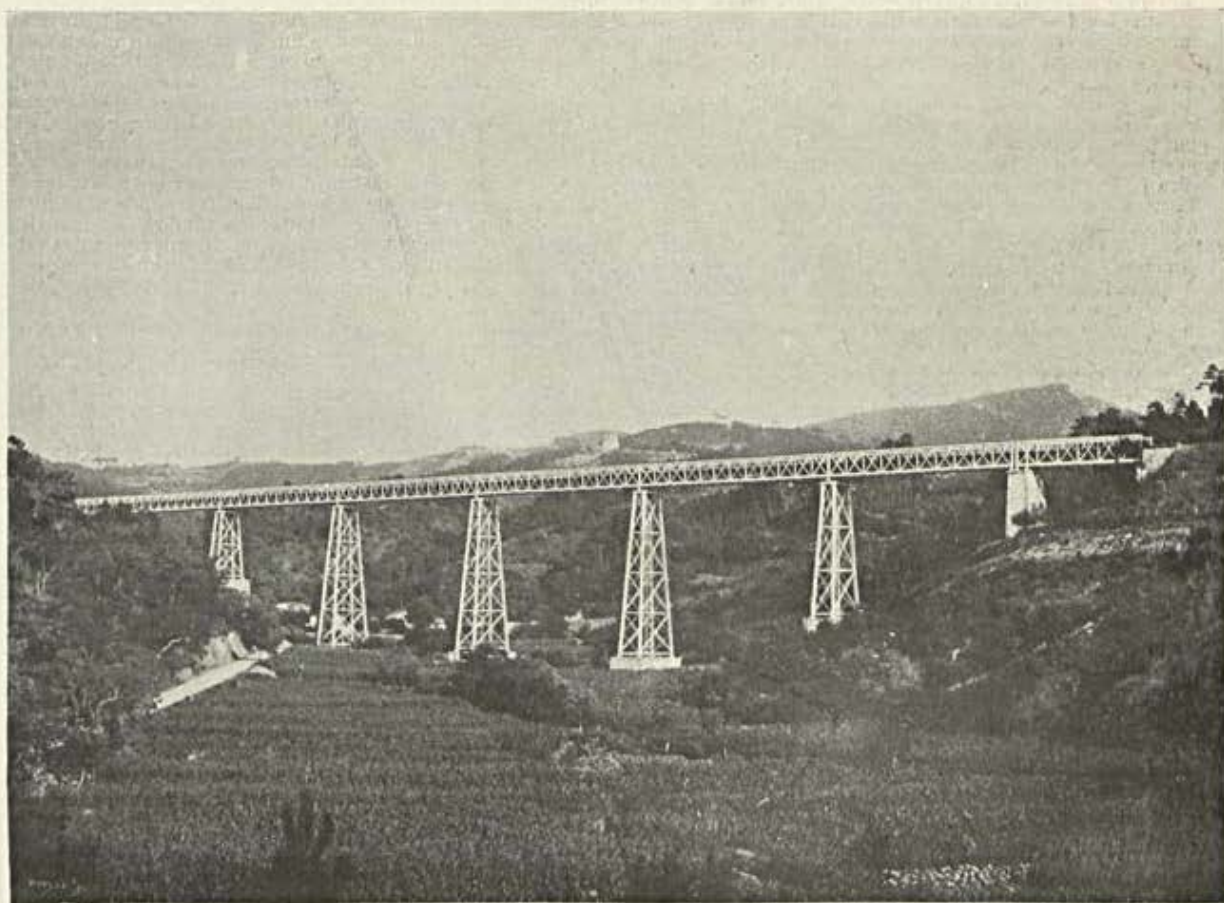
Passeio fluvial do Real Club Naval a Palhaes, em 15-8-904



BUSSACO — A Avenida da Rainha



BUSSACO — A histórica ponte sobre o Criz



BUSSACO — A ponte do caminho de ferro sobre o Luso

O grande engenheiro João Evangelista de Abreu e o seu elogio historico pelo sr. Luciano de Carvalho.

Poucos engenheiros teem, como João Evangelista, gosado de tão alto renome, impondo-o merecidamente á admiração dos seus concidadãos. A lousa do sepulchro, ao cair pesada sobre os restos mortaes d'aquelle prestigioso e benemerito portuguez, não ponde interceptar-lhe os raios fulgentes de uma aureola, que ainda hoje, através de tantos annos, zombando das vicissitudes dos tempos e das correntes de opinião, vemos a illuminar-lhe a senda gloriosa, que durante a breve existencia traçou. Raras vezes, na verdade, concorrem circumstancias tão propicias, tão de molde, a exaltar uma lenda, como a d'elle.

Sacudido já o jugo do despotismo, quando viu a luz do dia, embalaram-lhe o berço os cantos bellicos, cujas notas voavam com as balas ao calor de tanta lucta; a imaginação nos annos juvenis entretinha-se a repassar variadissimas scenas, sem cessar repetidas, de guerra e de amor; ao passo que lhe ia accendendo no espirito o phanal, que mais tarde devia esclarecer o nos trilhos da vida — o amor pelas sciencias naturaes, desenvolvido nos longos passeios pelos precipites alcantis da Estrella, ou de Marvão.

Por impulso proprio e tradições de familia fervoroso apostolo das ideias liberaes, que iam ganhando cada vez maior incremento, avassalando os alumnos das escolas, abandonou os bancos universitarios, trocando os livros pela escopeta de soldado e lá foi na onda, que impellia essa brilhante mocidade, seguir a sorte dos que se alistaram no Porto, combatendo pelos seus ideias. O absolutismo tinha apenas mudado de nome e Sampaio na *Visão de Torres Vedras* punha na boca de um dos espectros de miguelistas a phrase: batemo nos e ficámos vencidos quando a nossa causa triumphou!

Aplacadas as paixões, arrumadas as armas, com que tão rijas pelepas se haviam ferido, João Evangelista não mais pensou senão nas lides da paz. O nosso paiz devia abrir-se a essa civilização, que tão pujantemente se expandia lá por fóra, e d'ali em diante o seu sonho querido foi o dotal-o com os grandes melhoramentos materiaes de que tanto carecia.

Terminou distinctamente os estudos e nomeado professor ainda foi seguir o curso da Escola de Pontes e Calçadas, onde obteve uma bella classificação; viu no estrangeiro o que de melhor se havia feito em construcções, seguiu as lições practicas e o avisado conselho dos grandes mestres e voltou para entre nós dar largas á pujança do seu talento, á assombrosa actividade que o dominava.

Do que fez o grande engenheiro muito melhor que eu poderão dizer os que foram seus companheiros de trabalho, e da corrente de sympathia que inspirou muita gente ha ainda para attestar. Em estradas, caminhos de ferro, machinas, obras hydraulicas — a celebre cabrea que muito o popularisou — em varios ramos de engenharia, ha documentos do seu labor incansavel e do seu genio.

Sobre esse espirito, que parecia nunca se dever apagar — tanta foi a luz com que brilhou! — as sombras da morte foram caindo pouco a pouco, e de todo extincta a razão desceu ao tumulo, deixando como o meteóro um rasto luminoso na sua passagem.

Engenheiro já feito, em tão poucos annos com tal folha de serviços, ainda uma esperanza, promettedora de mais e melhores commettimentos, lá se foi sumir no torvelinho da voragem que tudo leva!

Que essa morte não trouxe o esquecimento, que o nome de João Evangelista ha-de ficar sempre gravado na memoria das successivas gerações, disse o nos seus primores a prosa brilhante do elogio, pronunciado pelo sr. Luciano de Carvalho na sessão solemne da Associação dos Engenheiros Civis, do qual vou extrair parte do que respeita á influencia do meio na carreira de engenheiro.

"Como é triste e doloroso avivar a lembrança da longa serie de victimas que assignalou entre nós o declinar do romantismo!

Como ainda punge reproduzir na imaginação o lugubre espectáculo de tantos talentos privilegiados, de tantos vultos gloriosos, subita e fatalmente impellidos para o suicidio, ou para a demencia!

De nada lhes valerem os livros das academias, nem as blandicias da critica, nem as auras da popularidade. No sombrio labyrintho do seu scismar, ou no impetuoso curso das suas paixões, um dia tinham de parar e desaparecer para sempre, commovendo nos, quando não horrorisando-nos, com scenas lancinantes, tantas vezes tintas de sangue.

A imaginação meridional da mocidade portugueza de aquella época seguia com tanto interesse os dramaticos exasperos de Chatterton, como as aventuras licenciosas do cavalheiro de Faublas, ou os arrebatamentos de Werther junto de Carlota, como as extravagancias de George Sand, mãos dadas com Musset. Assim, percorrendo a galeria dos retratos dos homens, que no nosso paiz avultaram por aquelles tempos, não é para estranhar que se destaquem dois grupos caracterisados por outros signaes phisionomicos além dos proprios da idade.

De um lado, por mais typicos — Saldanha, Passos Manuel, Rodrigo da Fonseca, Silva Carvalho, Rodrigues Sampaio, Alexandre Herculano, Almeida Garrett.

Do outro lado — Casal Ribeiro, Rebello da Silva, Andrade Corvo, José Estevão, Mendes Leal, Soares de Passos, Thomaz da Annuniação, Camillo Castello Branco.

Nos velhos tudo exprime a crença, a energia. O olhar vae desde

o suave até o rude, mas sempre firme. O talho da barba em suissa, a alterosa gravata, a golla enorme que a acompanha, manifestam bem a rigorosa obediencia ás regras.

Nos novos, a expressão do rosto é vaga e melancolica. O raro sorriso desaparece debaixo do bigode de guias pendentes. Quadra bem na fronte annuviada a farta cabelleira negra revolta, não poucas vezes intonsa, cobrindo as orelhas.

E não eram meramente exteriores estes signaes. N'aquella época de agitada evolução as convicções eram bastante arraigadas, os sentimentos bastante fundos, para que nem por um instante se pudessem pensar em artificio ou imitações.

O tumultuar incessante do espirito reflectia se na economia do organismo, muitas vezes perturbando-a e destruindo-a pouco a pouco. D'este modo foi que entre nós e no circulo intellectual a longevidade passou á tradição, tornando se lendarias as figuras cujas feições o lapis de Sequeira ou o buril de Rembrandt gostosamente seguiria em Mousinho da Silveira, Rodrigues de Basto, Gomes Monteiro, visconde de Seabra e tantos outros.

Em vez de esses anciões, cujos olhos a morte cerrou no termo natural da sua existencia, vemos a cada passo mancebos pallidos, alquebrados, difficilmente attingindo a veihice, alcançando-a muitas vezes antes de tempo, quando não fallecendo na flor da idade.

N'elles se extremaram alguns, não poucos, succumbindo tragicamente, ou perdendo a razão. Intelligencias lucidas e cultas, caracteres de fina tempera, corações de ouro, como de Silva Ferraz, Philippe Simões, Pires de Lima, Anthero do Quental, Simões dos Reis, foram nos por assim dizer arrebatados nas mais dolorosas circumstancias. Inesperada e successivamente, um dia e logo outro dia, surprehendendos a noticia terrivel da ultima scena de um drama intimo, que nos commovia até ás lagrimas, ou nos impressionava até o assombro.

Subia de ponto a surpresa, quando até aquelles, que mais nos pareciam gosar da immuidade, alentados pelo trabalho e pelo supplicio publico, acabavam mostrando-se profundamente contaminados, e revelando o supremo esforço que faziam para dissimular o desgosto que os minava.

D'entre esses destaca o grande vulto de Camillo Castello Branco.

O fecundissimo escriptor que depois de trinta annos de incessante e productivo labor mantinha a virilidade intellectual dos seus melhores tempos, o perseverante observador dos ridiculos da sociedade e que nas suas narrativas, ainda as mais commoventes, não podia deixar de manifestar a sua veia humoristica, o pamphletario alegre e prompto a voltar á carga... attingido por grave enfermidade, desfallece e attenta contra a sua vida.

Que frisante contraste entre o eximio romancista levado assim a este acto de desespero, e Castilho, o cego, de phisionomia sempre sorridente, sentindo com prazer a sombra da sua oiaia, ou Passos Manuel, acorrentado ao leito por doença pertinaz e torturante, dictando entre os accessos da dor, satyras engraçadas contra os desvarios dos tempos modernos!

E, referindo-se a João Evangelista, dedica-lhe no epilogo, entre outros, os seguintes trechos:

"Então elle que já era ornamento da sua classe e gloria do seu paiz; elle que jámais fraquejara no ardór das frefregas, nem adormecera sobre os loiros da victoria, vacilla e pára.

Empenhado já na segunda campanha, sente fugir-lhe da vida a ampla estrada que seguia, inundada de luz e coberta de rosas, e de ahí a pouco se acha transviado na escabrosa e escura vereda que o leva, inconsciente, ao manicómio.

Al de nós, que tinhamos de ver tantos companheiros queridos enveredar pelo mesmo trilho, dando assim numeroso contingente para o funebre cortejo da época!

E para terminar, n'esta sessão, em que a João Evangelista foi por este modo rendida a devida homenagem pelo sr. Luciano de Carvalho, occupou a presidencia o illustre presidente da sociedade e um dos nossos mais distinctos engenheiros, o sr. Mendes Guerreiro. A sorte quiz aqui associar tres nomes, que tanto se impõem ao nosso espirito e ao nosso coração.

L. F. MARREAS FERREIRA.

O que eu admiro e aprecio n'um character republicano, é a lingua-gem e as manciaras polidas do homem da cõrte.

ALFRED DE VIGNY.

✻

Não ha mulher que mais minta do que a Esperança.

VALTOUR.



João Evangelista de Abreu



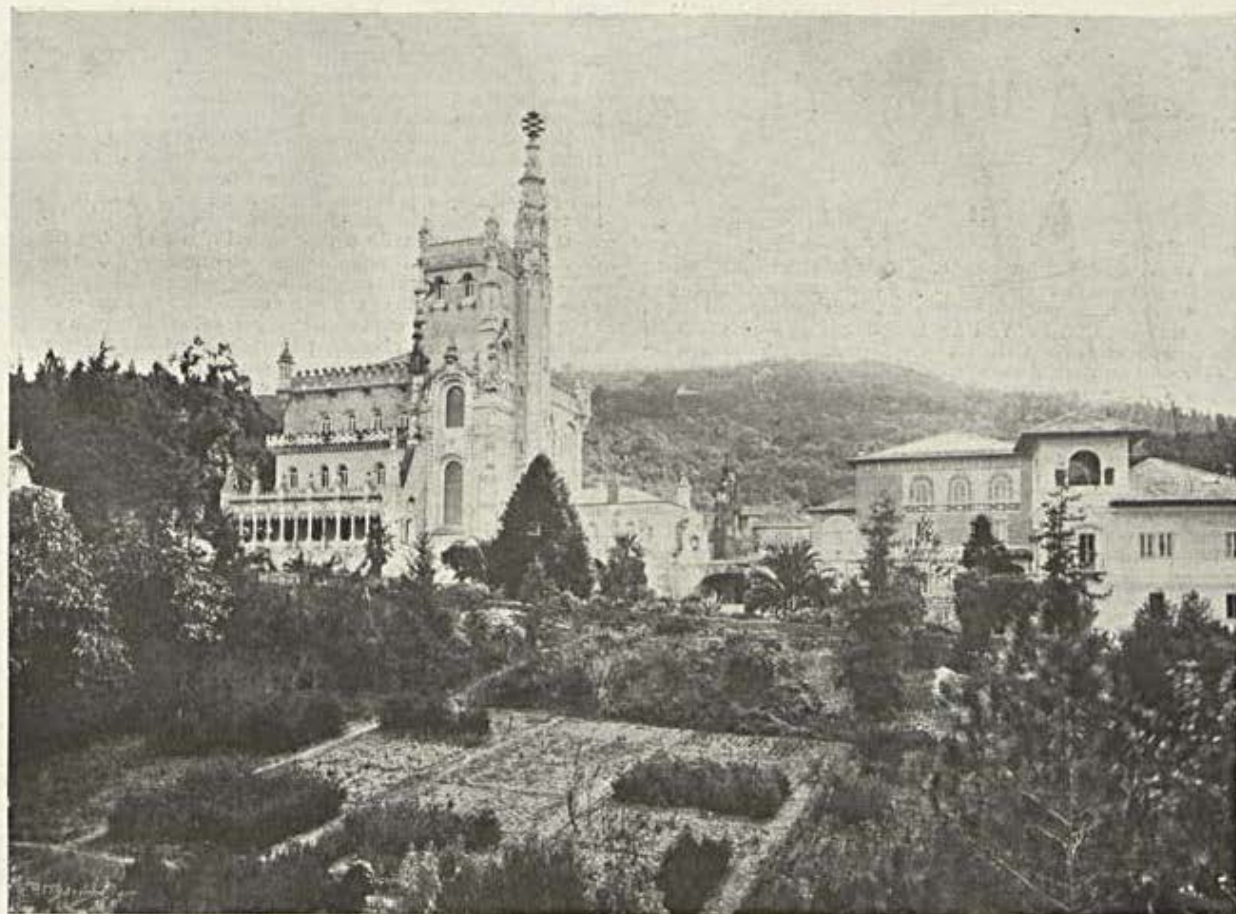
BUSSACO — A cruz alta



BUSSACO — O valle



BUSSACO — O caminho para a Cruz alta



BUSSACO — A fachada do novo hotel



BUSSACO — Entrada para a igreja do Mosteiro

Cartas a uma senhora

II

Minha senhora.

Não sei se V. Ex.^a aturou sem bocejar a minha ultima carta; mas, faltando-me ainda responder a algumas das perguntas que V. Ex.^a se dignou fazer-me, atrevo-me a tomar-lhe algum tempo, dando-me por bem feliz se V. Ex.^a não deitar já esta carta ao cesto dos papéis velhos e a deixar por instantes sobre o seu *bonheur du jour* de pau rosa, á espera de melhor ensejo para a ler.

Exige-me V. Ex.^a, na sua carta, que escreva sobre assumptos scientificos, de modo que V. Ex.^a comprehenda, querendo talvez com isso dar a perceber que não reputa o seu cerebro tão bem organizado como o dos homens, para entrar em questões transcendentales.

Antes pois, de encetar-mos o assumpto especial das perguntas que V. Ex.^a se digna formular-me consinta-me que deslinde esse ponto capital, esperando que, se V. Ex.^a tiver a paciencia de me ler até ao fim, verá que não encontro razão para que se fale ás senhoras em assumptos de ordem scientifica de maneira diversa da aquella de que fazem uso os homens entre si.

Uns physiologistas e uns anatomistas, que não vêem mais longe do que a ponta do bisturi e do que os indices de Broca, vieram dizer que a craniometria demonstra a inferioridade da mulher; mas esqueceram-se aquellos bons sabios de olhar um pouquinho para fóra dos seus laboratorios e não se recordaram do papel preponderante da mulher no desenvolvimento da civilização, nem se lembraram de uma bella lição que na escola de medicina de Berlim proferiu ha muitos annos o professor Virchow ácerca da historia da cosinha.

Não vem para aqui resumir este trabalho profundamente scientifico, com toda a amplitude de conhecimentos ethnographicos de que dispunha aquelle notavel homem de sciencia, que me lembro de ter visto em Portugal por occasião de um congresso de prehistoria.

Quasi no final da sua lição, dizia Virchow "a verdadeira cocção, com todas as minudencias e, se me consentem a expressão, com a individualidade de acção da agua a ferver está intimamente ligada com o desenvolvimento da panella. Com o apparecimento de este utensilio prende-se a organização definitiva do lar, que não devemos imaginar exclusivamente installado na cozinha, mas tambem no salão, no quarto de dormir e no de vestir. E' interessante verificar que a partir da época de este acontecimento, a mulher tomou posse da marmitta e só deixou ali ao homem, para usar de um termo germannico, a perspectiva de *maricas*. . . Quando a posição social da mulher a envilece e reduz á escravidão, toda a ordem de assumptos que a cerca desce a tal estado de depressão que se não vê surgir coisa alguma notavel e significativa. Não ha mais historia, nem progresso, nem desenvolvimento."

Ora, depois de tão conspicua opinião, V. Ex.^a ha de dar-me licença que deixe em descanso o dictionario allemão e que prefira suppôr que não lhe desagrada que eu gaste tempo a procurar maneiras correntias de dizer. Em livro bem recente, Flamarion justifica de este modo o titulo que deu á sua obra — *L'astronomie des dames*; mas, se foi esse o intuito a que V. Ex.^a obedeceu, só me resta agradecer-lh'o porque assim, penso durante mais tempo na maneira como hei de proceder, para lhe não ser muito desagradavel na minha epistolographia.

Assente portanto que todas as senhoras sem grande esforço cerebral podem attingir ás mais emaranhadas transcendentales scientificas, voltarei a falar de perolas, concluindo assim o que prometti na minha primeira carta.

Tinhamos ficado em que me restava dizer de que modo os naturalistas definem as perolas, tendo em attenção o modo como se formam no manto da ostra.

Analyzadas ao microscopio, as perolas de nacre e as perolas finas patenteiam differenças radicaes com que pode explicar-se a diversidade de efeitos que umas e outras produzem á vista. Na perola verdadeira, encontra-se como que uma armação extraordinariamente delicada, mas muito complexa, que dá logar a que se expliquem os diversos jogos de luz que nos encantam a vista e ainda a sua extraordinaria solidez.

Sob o ponto de vista da analyse optica, a perola fina é constituída por pequenas pyramides calcareas, como que envaginadas em verdadeiros alveolos de substancia organica. Estas pyramides apresentam na periphèria uma base polygonal e o vertice voltado para o centro. Segundo os trabalhos do professor Aufray, as caracteristicas de estas pyramides são as mesmas que as da calcite, que tão bellos efeitos produz nas estalattites e nas estalagmites de algumas grutas celebres, entre as quaes as de Santo Adrião, na nossa provincia de Trás-os-Montes.

Os alveolos de materia organica de que falei lembram a disposição de certos ninhos de vespas, com zonas concentricas mais apertadas na periphèria.

A observação de naturalistas do começo do seculo passado e de alguns que floresceram no seculo XVIII levou-os, em resultado do exame de aquellas linhas concentricas a dizer que as perolas se formam por camadas concentricas e um de elles, Reaumur, chega até ao prosaismo de lembrar as cebolas para dar idéa da estrutura da perola!!

O professor R. Dubois no entanto demonstrou até á evidencia

que a perola nenhuma das parencças estruturales tem com a liliacea em cuja familia se encontram, os aristocraticos espargos, as encantadoras tulipas, os poeticos lirios e os jacinthos, que tão bellas inflorescencias dão.

Segundo aquelle sabio que acaba de completar numa série de trabalhos biologicos o que se refere á formação das perolas, não passam ellas de um meio de defeza da ostra contra os ataques de um parasita, que pretendeu introduzir-se do manto do animal e ali viver.

O parasita, segundo o professor Dubois penetra na espessura do manto, permanecendo ali quasi que immovel. Os tecidos porém da ostra reagem contra aquelle hospede intempestivo, formando uma cavidade espherica em redor de elle; isto é, respondendo ao ataque do mesmo modo que o general Wellington ordenou que nós fizéssemos ao Massena; fugindo e não deixando recursos ao invasor. O manto do mollusco em redor da cavidade já referida procede como a parte de elle que está em contacto com a casca da ostra, segrega a substancia nscarada, que envolve o parasita, que morre calcificando-se, quando não consegue fugir, pois que parece que ha perolas verdadeiras, cujo nucleo não encerra vestigio do tal parasita.

Não se contentaram porém os naturalistas com esta descoberta e trataram de investigar a natureza do tal parasita, chegando o professor Giard, da Universidade de Paris á conclusão de que se trata da larva de um cestóide, grupo de animaes, cujo typo estudado nas aulas de zoologia é a tenia ou solitaria.

Sabe V. Ex.^a muito bem que a *tenia solium* se encontra enkistada na carne de porco e que o animal se desenvolve unicamente quando os succos do nosso estomago destroem o envólucro em que elle se encontra. Então fixa-se ás paredes do intestino e começa desenvolvendo-se em *artigos* que são expulsos com os productos da digestão. Se algum porco os encontra e os come, logo se enkis-



Alfredo Felgueiras da Rocha Peixoto

1 em Coimbra

A morte tragica d'este illustre mathematico que foi um dos caracteres mais nobres do professorado portuguez, e um dos leutes mais notaveis da Universidade de Coimbra, produziu dolorosa impressão no seu país. A sua memoria como homem e como scientifico prestamos a nossa homenagem.

tam de novo no tecido muscular do animal, para irem apoquentar outro individuo.

A evolução da *tenia medio-canellata*, que se encontra na carne de boi, é analogá, ficando pois assente que a tenia precisa de passar por dois organismos diversos para completar a sua evolução.

Do mesmo modo, o cestóide, que provoca a formação da perola, completa a sua evolução no corpo de um peixe, que se alimenta com meleagrinas. Este parece que é devorado por um tubarão e que ali é que o animal se transforma, de modo a produzir o verme que pretende viver á custa da ostra.

No entanto, ainda não está bem assente este ponto entre os naturalistas, que argumentam por comparação com o que succede com os mexilhões perlliferos, estudados pelo professor Dubois, já referido e pelo naturalista Lyster Jameson, que deu conta de este seu trabalho nas memorias da Sociedade Zoologica de Londres, em 1902.

Para que estes mexilhões produzam perolas, é indispensavel que nas proximidades do banco haja ameijoas e berbigões, onde se produzem larvas que, rastejando, vão alojar-se no manto dos mexilhões, que estão agarrados aos rochedos do solo. Um palmpede que os naturalistas chamam *Oedemia nigra* come os mexilhões atacados pelo parasita, que é um distoma que se reproduz no intestino

da ave. Os ovos do distoma transformam-se ali em larva que, se cae em local onde haja berbigões (*Cardium edule*) ou ameijoas (*Tapes decussata*), encontra nestes moluscos o terreno proprio para evoluir, transformando-se em larva rastejante, que, ao encontrar o mexilhão, se aloja no manto de elle e este, reagindo transforma em perola o parasita, a menos que a ave o não devore antes de isso para continuar esta evolução.

Como conclusão pois, a origem parasitaria das perolas está fóra de dúvida e se a comparação com as cebolas era pouco poetica, certamente que v. ex.^a ha de achar que as transformações do cestoiide através do aparelho digestivo e dos tecidos de outros animais tambem não é de molde a inspirar ideias muito poeticas.

Em todo o caso, para mim, o que torna preciosas as perolas é o apreço em que as senhoras as teem e quando as admiro em v. ex.^a continuo a ver nellas, como os antigos, as gotas de orvalho petrificado em manhã de primavera, quando os melros galhofeiros cantam os seus amores e a natureza toda desperta para a alegria da vida, que só pode dar-se em mim quando v. ex.^a accolta a expressão do mais profundo respeito que lhe consagra o

De Ex.^a
Creado muito agradecido
MELLO DE MATTOS

Eu defino assim a poesia: a sublime expressão d'impressões sublimes.

✕

Os delicados apreciam muito mais uma critica tóla, do que um tólo elogio.

Padre JOSEPH ROUX.

Ensino dos cegos em Portugal

Esta escola, fundada por Branco Rodrigues, foi inaugurada em fins d'agosto de 1903, sob a presidencia do sr. bispo do Porto.

Funcionou algum tempo, com auctorisação do ministro das obras publicas, no edificio da Escola industrial Infante D. Henrique. Os tres professores cegos e um alumno interno, a quem é fornecido o necessario para a vida e uma gratificação mensal, habitavam, porém, uma pequena casa, sob a vigilancia de Miguel Motta, que no principio se prestou obsequiosamente a dirigir a escola, e que hoje continúa a ser seu desvelado director.

Actualmente a Escola dos Cegos acha-se installada n'um palacete da rua das Tappas, 76, para esse fim cedido pelo governo — casa muito deteriorada, mas que se encontra hoje em parte habitavel, graças ao auxilio do ministro das obras publicas, aos bons desejos do conselheiro Araujo e Silva, e ao material com que alguns bemfeitores concorreram para as installações.

Vão ser admittidos mais tres alumnos internos. A direcção não pode, por enquanto, permittir o internato a outros infelizes que o pedem, pois que os recursos de que dispõe — donativos mensaes de alguns protectores — não comportam naturalmente dispendios largos.



A escola do Porto, na rua das Tappas, 76

As aulas comprehendem por agora leitura, contas, escripta, musica e officina de cesteiro.

Os alumnos de ambos os sexos, que frequentam as aulas como externos, oscilam entre dezoito e vinte.

A Escola dos Cegos começou a funcionar em 27 de junho no novo edificio; em 3 de julho realisou-se a visita da imprensa, e logo que regresso do estrangeiro o sr. Branco Rodrigues, celebrar-se-ha a abertura solemne, presidindo o sr. D. Antonio Barroso, bispo da diocese.

Com as de surdos-mudos, estas escolas devem contar-se estabelecimentos tam altamente humanitarios e sympathicos, que dispensam



Miguel Motta

Branco Rodrigues

Director da Escola do Porto

Fundador das Escolas de Lisboa e Porto

todo o nosso encarecimento. E cremos que todos os corações generosos e bemfazejos não deixarão de secundar estas iniciativas, em que a piedade humana tam esplendidamente floresce. Bem hajam todos aquelles, cujos esforços tendem a «ministrar o ensino, a patrocinar o trabalho dos cegos adultos, a procurar obter collocação na vida activa aos seus antigos alumnos ou a quaesquer outros cegos.»

Apenas transcrevemos estas palavras dos estatutos da Escola dos Cegos do Porto .. Ellas dizem todo o valor moral d'esses estabelecimentos, que são quasi sagrados pelo fim altruista e nobilissimo que os anima.

Bellas e generosas instituições! Assim ellas posam fructificar cada vez mais, e progredir immenso — para bem d'aquelles a quem a desventura feriu tam cruamente, e consolo de quantos generosissimamente se lhe dedicam!

O meu ideal

Vestal de seio eburneo e setinoso,
Ondead, vivo, bello e palpitante;
Cabello escuro, solto, procelloso;
Olhos lubrico, triste e penetrante.

Espirito de luz; rosto formoso;
Mãos e pés pequeninos; deslumbrante
E lindo o talhe dóce e vaporoso;
Alma de fogo e corpo de bacchante.

Eis o retrato fino e delicado
Da mulher que tracei no pensamento
E que em meu coração tenho gravado;

Eis a visão que ás noites me apparece,
Palpitante de amor e n'um momento
No azul do céu sorrindo se evaaee...

NUNO RANGEL

O SANATORIO DE PAREDE



O edificio inaugurado em 31-7-1904

A inauguração d'este instituto de beneficencia constitue um grande acontecimento philantropico que merece bem um lugar de honra n'esta Revista.

Depois do hospital *Conde de Ferreira* instituido por um legado particular, é, sem duvida, o sanatorio de Parede o primeiro e unico estabelecimento de caridade fundado por outro legado particular.

Foi a uma senhora, distincta pelas tradições da sua familia e pela honradez das virtudes proprias, que coube realizar a ideia altruista de uma senhora sua parente a quem a morte não permitiu ter o summo prazer de assistir ao termo da sua obra philantropica. Merecem bem todos os que para ella concorreram, que fiquem aqui os seus nomes para conhecimento das gerações futuras: as ex.^{mas} sr.^{as} D. Amelia Biester e D. Claudina Chamiço e o illustre capitalista Frederico Biester.

Vale a pena deixar aqui tambem resumida a historia d'este Sanatorio. Frederico Biester e sua esposa, não tendo herdeiros forçados, resolveram ha annos fazer construir á sua custa um sanatorio para asylo de creanças fracas e enfesadas. Contaram essa ideia a um meo illustre, seu amigo, o dr. Souza Martins que se encarregou da escolha do terreno mais apropriado, na margem norte do Tejo. Essa escolha recaihi em Parede, pequena povoação, entre o pittoresco Carcavellos e o afamado Estoril, n'esse tempo ainda não desdobrado em tres pessoas distinctas como a Santissima Trindade: o Monte Estoril, Santo Antonio e S. João do Estoril.

Não faltaram então, como nunca faltam, difficuldades que se levanta-

ram á realisacão de qualquer ideia boa. Parece mesmo que officialmente por parte da municipalidade ou municipalidades ali do pé, surgiram obstaculos. Um sanatorio ali para creanças doentes?! Credo! Pois as creanças doentes hão-de ter sanatorios ao pé de gente que tem saude e que quer ir passar o verão e tomar banhos! E muita gente se assustou só com a ideia! E andava ainda assustada, quando a morte veiu fulminar em plena aurora de celebridade o medico escolhido para escolher o local! *Le roi est mort, vive le roi!* e Biester convidou o dr. Manoel Bento de Souza, outro celebre clinico e professor, a substituir Souza Martins na tarefa de pôr em pratica a ideia do Sanatorio. Mas, Manoel Bento não se demorou a seguir no tumulo o seu



A fundadora do Sanatorio, D. Claudina Chamiço conversando com uma irmã de caridade, e acompanhada dos medicos do Sanatorio dr. Almeida Ribeiro e dr. Gregorio Fernandes.

collega e amigo Souza Martins, e os esposos Biester aterrados com a morte que parecia apostada em fulminar de preferencia os medicos que elles escolhiam para dirigir a obra, tiveram escrupulo em fazer terceiro convite! A morte, não tendo mais medicos, abeirou-se do leito de Frederico Biester e poucos mezes depois do de sua esposa, D. Amelia Chamiço Biester, sem lhes dar tempo para deixarem determinando em testamento como se havia de realizar a generosa ideia.



Um grupo de asyladas

Foi então que a herdeira ocasional d'essa grande fortuna, a sr.^a D. Claudina de Biester Chamiço, viava do conhecido e antigo capitão Francisco Chamiço, conhecedora como estava do intento de seus sobrinhos, entendeu que lhe competia dar-lhe uma feição pratica. Com o auxilio do dr. Gregorio Fernandes a illustre senhora pôde ver, em um praso relativamente breve, levantado o edificio do qual seus sobrinhos nem sequer tinham podido ver o perfurar dos alicerces.

E hoje ali está elle, esse grandioso edificio, á beira do oceano, mirando-se nas aguas crystalinas que veem ter ao Tejo afamado. Cousa curiosa! Parede, querendo tambem corresponder com gentileza á generosa ideia dos philantropicos iniciadores do Sanatorio, alindou-se e povouou-se tambem em poucos annos. A pequena povoação que nem aldeia era transformou-se depressa n'uma deliciosa estancia balnear onde não faltam *chalets* de todos os feitios e tamanhos, nem creanças de todas as edades, nada receiosas do contagio dos pequeninos albergados de Parede. A seu lado fica Carcavellos que tem tambem um Sanatorio, e mais para além, com todo o reboliço da vida elegante e descuidada, os Estoris...

O Sanatorio de Parede é o monumento mais grandioso que podia ser erigido á memoria dos dois generosos iniciadores d'essa obra. E o dia em que elle poude ser inaugurado deve ter ficado celebre no coração da senhora illustre que de forma tão gentil e tão modesta a levou a effeito.

Junto do edificio que foi construido sob a direcção do illustre architecto o sr. Rosendo Carvalheira, o qual se esmerou em dotar-o com todos os aperfeiçoamentos modernos indispensaveis a este genero de construcções, está a pequena capella, onde se admiram baixos relevos de Costa Motta, em um dos quaes se destaca a bella composição *Musica Sacra*.

Os medalhões do frizo e archi-volta das portas são preenchidos com os doze apóstolos, em busto, e no côro ha vitras magnificas. Aos lados da porta de entrada estão Sant'Anna e Santa Amelia, santos do nome da irmã e sobrinha da sr.^a D. Claudina Chamiço. E Sant'Anna deu ainda o nome ao sanatorio.

Não ha rico que não possa receber, nem ha pobre que não possa dar.

GÉRARD.



As asyladas no recreio

O dinheiro era outr'ora uma casta; hoje tornou-se uma democracia.

PAUL DE SAINT VICTOR.

✕

O sentimentalismo é perigoso em piedade, em moral, em litteratura, em tudo!

Padre JOSEPH ROUX.



Dormitorio



BUSSACO — Oliveira plantada pelo Duque de Wellington

POLITICA INTERNACIONAL

O conflito aberto entre a Curia romana e o governo da Republica franceza a proposito da viagem do sr. Loubet a Roma agravou-se com novos incidentes e pôde dizer-se que acaba de assumir um caracter excepcionalmente melindroso. Primeiramente, como se sabe, foi retirado o embaixador francez junto do Vaticano, ficando apenas, á frente da embaixada um simples encarregado de negocios, quando em Paris se soube da communicação feita pelo cardeal secretario aos nuncios acreditados junto das potencias catholicas. As relações, contudo, não foram interrompidas e o cardeal Lorenzelli continuou tranquillamente na nunciatura de Paris.

Vem agora, porém, o caso dos bispos de Dijon e de Laval, e a situação entre os dois poderes que já era bastante tensa depois da chamada do sr. Nisard tomou de repente uma feição de tal maneira grave, que as mais extremas consequências são de prevêr.

O incidente que determinou o agravamento da situação, é o seguinte: Os bispos de Dijon e de Laval, mal vistos em Roma pela adhesão leal que deram á republica, e este ultimo ainda por ter sido accusado de pertencer á maçonaria, receberam a intimação para renunciarem aos seus respectivos bispados, e de se dirigirem dentro de um prazo fixo a Roma a fim de se desculparem perante o Santo Officio, das accusações, que lhe eram feitas. Tanto um como outro recusaram-se a obedecer e communicaram ao sr. Combes, como ministro dos cultos, a intimação recebida. O presidente do conselho prohibiu lhes o obedecerem, e o conselho de ministros decidiu que o sr. Delcassé expedito immediatamente um *ultimatum* ao Vaticano para este retirar as duas cartas que o governo francez considerava como contrarias á letra e ao espirito da concordata, sendo além d'isso a destinada ao bispo de Dijon enviada por intermedio do nuncio em Paris, o que representa nova violação da concordata, visto os nuncios não se poderem corresponder directamente com os bispos francezes.

Tendo-se o Vaticano negado a retirar as cartas em questão, o governo francez mandou sair de Roma todo o pessoal da embaixada, dando ao mesmo tempo os passaportes ao cardeal Lorenzelli. Mais ainda, tendo o bispo de Dijon á ultima hora reconsiderado e partido para Roma sem autorisação do governo, o sr. Combes suspendeu-lhe os vencimentos.

Eis os factos. Que alcance podem elles vir a ter na vida interna da França?

Evidentemente, o conflicto com o Vaticano não attingiu ainda o ponto culminante, por grande que seja n'este momento a tensão nas relações dos dois governos. Retirada do embaixador, interrupção das relações diplomaticas, são apenas o prologo do que está para vir e para o qual se encaminha com uma rapidez, que nada já pôde conter. Isso que está para vir é a separação da Igreja do Estado. Ha muito que os partidos extremos no parlamento pediam a supressão da embaixada junto ao Vaticano e a denuncia da concordata. Não tinha sido difficil, contudo até agora, aos varios governos, contendo as impacencias dos radicaes, conservar no orçamento a verba de que se pedia a supressão. Invariavelmente todos os annos repetia-se a mesma historia. A commissão do orçamento propunha a eliminação da verba para a embaixada junto do papa. A camara, depois de um discurso do sr. Delcassé, restabelecia os creditos denegados pela commissão, e todos ficavam contentes, aguardam o anno proximo para recommencarem o mesmo platónico torçido. O governo não tinha de que queixar-se, porque ia vencendo sempre. O partido radical continuava satisfeito porque ia annualmente deixando consignada uma das mais importantes affirmações do seu programma. E o Vaticano, seguro da continuação do *statu quo*, não se preocupava muito com os desabafos anti-clericaes da minoria do Palais Bourbon.

Prolongou-se este estado de cousas, emquanto viveu Leão XIII e dirigiu a politica pontificia o cardeal Rampolla. Eleito papa, porém, o cardeal Sarto, cujo pouco alcance tanto contrasta com a diplomacia do seu antecessor, e sobretudo nomeado para o cargo de secretario d'estado o cardeal Merry del Val, fanatico e intolerante hespanhol, que julga estar governando em pleno seculo xx a Igreja dos seculos medievaes, não tardou que surgisse o inevitavel conflicto entre a Curia e a republica.

O grande argumento, que faltára sempre aos radicaes francezes, foi a inhabilidade do Vaticano quem lh'o forneceu agora. Porque se a attitude de Pio X não é o resultado de incapacidade politica, revela então um proposito determinado de provocar por todos os modos o rompimento. E custa á comprehender que interesse possa ter Roma em proceder assim. E' uma obsecação que mal se concilia com a politica cautelosa que o Vaticano sempre tem seguido quando se trata dos seus interesses. Mas o que é certo é que foi a intransigencia da Curia, que determinou o rompimento e que vae, segundo todas as probabilidades, occasionar a separação da Igreja do Estado em França.

Que interesse politico ou religioso podia ter aconselhado o papa a proceder assim, ou a deixar que em seu nome assim se procedesse? Não é facil dizel-o.

Talvez Roma imagine que, provocando a denuncia da concordata,

possa dar á Igreja em França a liberdade de que ella carece para a sua propaganda, que ultimamente, sobretudo depois da lei contra as congregações religiosas, tão embaraçada lhe estava sendo pelo governo. Mas quem não vê o equivoco de semelhante suposição? Com certeza o sr. Combes e a maioria que o apoia não são tão ingenuos, que, na presente conjuntura e no caso de vir a ser denunciada a concordata, se contentem com separar a Igreja do Estado, deixando-a á vontade para ella, livre de todas as peias, poder combater a republica. E' preciso não conhecer o actual presidente do conselho e estar muito alheio aos sentimentos, que animam a actual maioria parlamentar, para tal supôr. Se a concordata fór denunciada é mais do que certo que a camara fará acompanhar essa denuncia de um conjunto de medidas que deem ao Estado a faculdade de coarctar a liberdade da propaganda da Igreja, tirando-lhe os meios de poder victoriosamente lutar contra o estado secular. Podem estas medidas ser mais ou menos violentas, mais ou menos injustas se quizerem, mas no estado a que o conflicto religioso chegou em França impõem-se como medidas de salvação ao ministerio e á camara, e podemos estar seguros de que nem um nem a outra recuarão diante d'esta extremidade.

E sendo assim, que lucra o Vaticano em que a concordata seja denunciada? Não tem senão com isso a perder, porque por um lado fica privado da força e... do proveito, que lhe advinham da união da Igreja com o Estado pelo laço do orçamento dos cultos, (este ponto não é para desprezar n'uma epoca tão utilitaria como a nossa), e pelo outro lado não só não alcança para a igreja gallicana liberdade que até certo ponto a compense d'esta perda, mas pôde pelo contrario preparar-lhe um regimen de maior sujeição do que o actual. Parece-nos que a este respeito não pôde haver duas opiniões.

Quer isto dizer que a França não tenha tambem a perder com o presente conflicto e mais ainda com a sua provavel solução? De modo nenhum, e emquanto a nós a unica desculpa, que a republica tem, é que foi a elle levada pela intransigencia do Vaticano.

A denuncia da concordata e a separação da Igreja do Estado, d'ella consequencia, tem para a França diversos inconvenientes, que podem mesmo converter-se em perigos reaes. Difficuldades de ordem interna e de ordem externa hão-de além d'isso ser a primeira consequencia do conflicto com Roma.

Senão vejamos. Em primeiro logar a questão da denuncia da concordata pôde dar origem a uma crise ministerial, que n'esta altura da questão representaria, qualquer que fosse o seu resultado, um enfraquecimento para o governo. Não é já difficil descortinar os primeiros symptomas d'essa crise na diferente attitude do sr. Combes e do sr. Delcassé perante o conflicto. O presidente do conselho é naturalmente partidario das soluções extremas e as suas palavras, quer em discursos quer em entrevistas, reflectem sempre este modo de sentir. O ministro dos negocios estrangeiros, senão completamente diplomata da velha escola, é em todo o caso bastante respeitado do «protocolo» para vêr com bons olhos o feitiço jacobino do seu chefe, tanto mais que pela sua situação especial conhece as difficuldades que a denuncia da concordata trará á acção exterior da França.

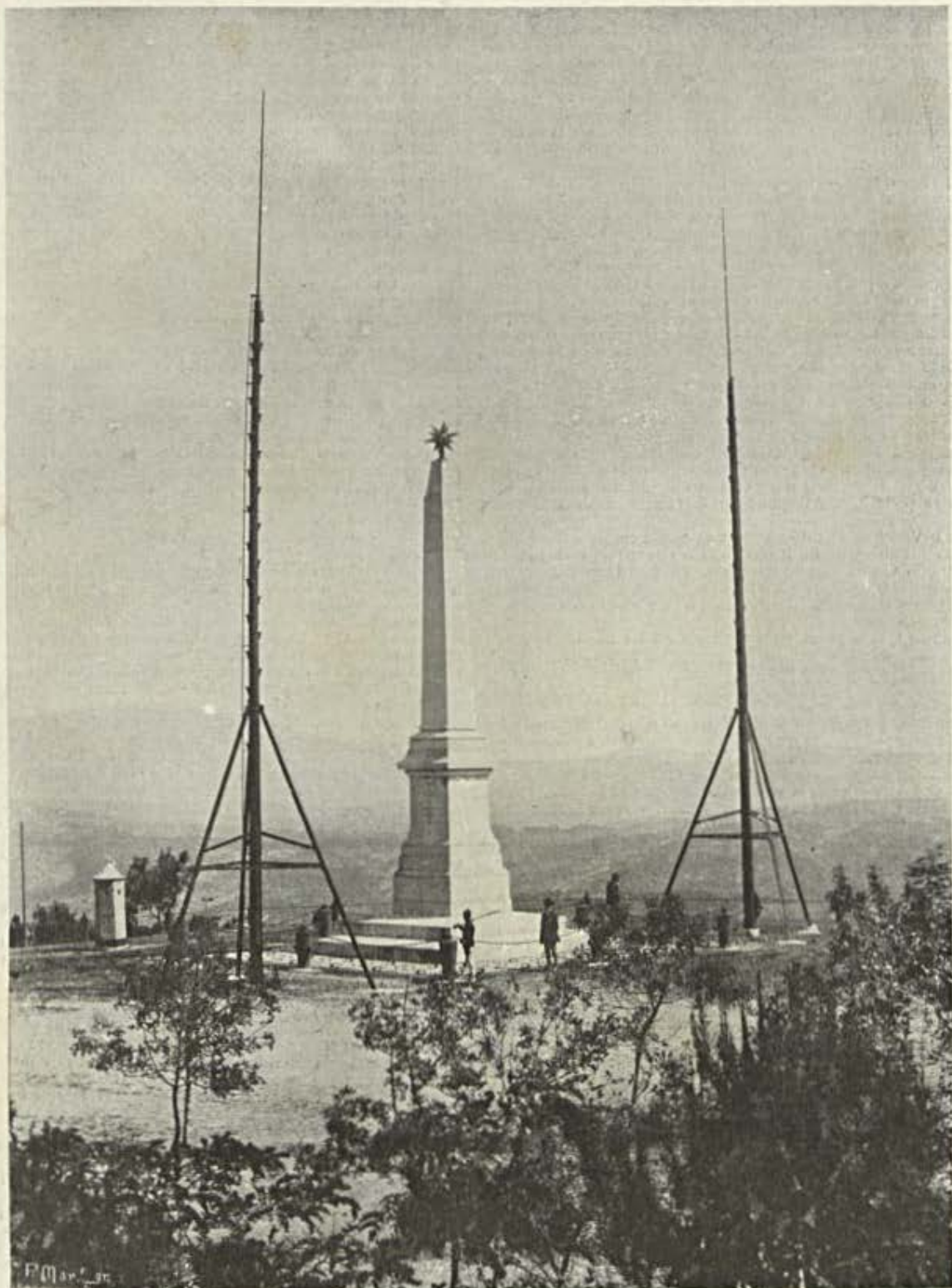
Mas suppunhamos que a crise ministerial se conjura, e que o gabinete se põe d'accordo sobre o projecto a apresentar ao parlamento. E' claro que esse projecto tem de ser acompanhado das medidas, a que acima nos referimos, para poder ser accedido pela camara e satisfazer a opinião liberal do paiz. Mas assim apresentada a questão da separação não pôde ella deixar de provocar acerba e violenta lucta, porisso que os clericaes desenganados e convencendo-se de que por um lado perdem as actuaes vantagens, que lhes proporciona o orçamento dos cultos, sem ganharem pelo outro lado a completa independencia do poder civil para a sua propaganda, hão-de lançar mão de todas as armas para este ultimo e supremo combate. E até onde poderá tal combate ir?

E' evidente que o tempo das luctas religiosas á mão armada passou, pelo menos para a nossa Europa occidental.

Não acreditamos porisso que o partido clerical em França tenha forças para fazer uma nova Veneza. Se tal tentasse seria esmagado, podemos d'isso estar certos. Mas se não pôde desencadear uma guerra, como o fez nos fins do seculo XVIII, pôde dar origem a uma grave perturbação social, que venha cavar mais funda a linha divisoria, que separa hoje as duas Françaes — a liberal e a reaccionaria — as quaes hoje quasi que constituem duas nações inimigas dentro do mesmo estado. E quem não vê o perigo de semelhante perturbação para o prestigio e até para a estabilidade da republica? Mas ha ainda a considerar as difficuldades anteriores. E' evidente que a denuncia da concordata significa para a França a perda do protectorado dos christãos no Oriente; e de que modo esta perda pôde representar a ruina da influencia politica franceza, na China sobretudo, não é difficil prevel-o, em presença dos esforços que a Alemanha e á ultima hora a Austria tambem estão fazendo para se substituirem á republica n'essa missão.

Assim, por desejavel que seja perante os principios da philosophia social a separação da Igreja do Estado, é fora de duvida que esta medida ha-de trazer á França dias de provação, que lhe augmentarão as actuaes difficuldades.

CONSIGLIERI PROFOSO.



BUSSACO — Monumento ao exercito Anglo-Portuguez